

FMI não deve conceder novo stand-by

Washington — Há um consenso entre os credores privados do Brasil de que o País não conseguirá um novo empréstimo *stand-by* do Fundo Monetário Internacional até março de 1990. Um acordo, segundo vários banqueiros, só poderá ser firmado depois que já tiver sido empossado o novo Presidente da República.

Eles comentaram, ainda, estão conformados com a eventualidade de o Governo deixar de fazer sequer um pagamento simbólico para abater parte da dívida vencida (atualmente, 1,6 bilhão de dólares). Os bancos estariam dispostos a suportar uma moratória até março. Só que, neste caso, advertiram, "o jogo vai endurecer".

"Tudo indica que a 'bomba' vai sobrar para o próximo Governo. Isso significa que no momento de uma nova renegociação, a posição brasileira será mais espinhosa: quando isso acontecer, não haverá praticamente nenhum dinheiro novo" disse um dos banqueiros americanos que foram ao grande coquetel oferecido pelo Citicorp a todos os participantes da reunião anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial.

Um segundo banqueiro americano, presente à mesma festa, disse

que não existe um clima de hostilidade contra o País. Apesar disso, daqui até março, segundo ele, o País perderia várias de suas linhas de crédito de curto prazo, em função dos atrasos no pagamento. Ele lembrou, ainda que juntamente com a faixa presidencial, o novo Presidente da República receberá uma notificação de cobrança.

"Acontece que, justamente no dia da posse, dia 15 de março, vencem outros 1,6 bilhão de dólares. Quer dizer: até lá o Brasil terá acumulado cerca de 4 bilhões de dólares em pagamentos atrasados" — lembrou o banqueiro.

Outro credor, que dirige um banco alemão, disse que as reuniões mais recentes entre o Governo e o comitê assessor de bancos do Brasil tem sido inúteis.

"No fundo, estamos ouvindo uma conversa fiada. Em síntese, o Governo nos diz que não quer permanecer em moratória, só que, ao mesmo tempo, diz que não tem condições de pagar nada. E isso, para nós, é a mesma coisa" comentou.

Na opinião dos banqueiros, o Brasil está perdendo uma grande oportunidade de fazer uma razoável redução no estoque da dívida. Pelos seus cálculos, como cada dó-

lar devido pelo Brasil é cotado no mercado secundário a 28 centavos, se o País investisse 1 bilhão de dólares na recompra de seus títulos, estaria ganhando quase 5 bilhões de dólares.

Ficou claro que os próprios bancos estão dispostos a livrar-se desses papéis. Eles admitiram isso, e deram um exemplo recente — o caso do Chile. Os credores privados desse país receberam uma circular do governo chileno informando que ele tem em caixa 330 milhões de dólares para utilizar na recompra de suas promissórias (cada dólar da dívida chilena vale hoje 56 centavos).

"Os chilenos estão fazendo uma operação correta. Eles avisam aos bancos sobre o seu interesse em comprar, e nos pedem que façamos uma oferta. Ou seja: é um verdadeiro leilão, em que eles compram de quem lhes oferece os títulos pelo menor preço" comentou um dos banqueiros americanos. O anfitrião da festa de segunda-feira, John Reed, presidente do Citicorp, que é o maior credor do Brasil, manteve-se calado a respeito das negociações com o País. Mas não escondeu a sua preocupação com a recente alta do dólar no mercado paralelo.